

CONCEÇÕES DE ALUNOS DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO SOBRE SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO SEXUAL

Susana Marinho¹ & Zélia Anastácio²

^{1, 2}CIEC, Instituto da Educação, Universidade do Minho, Braga, Portugal
profmarinho@gmail.com ; zeliarf@ie.uminho.pt

RESUMO

Nesta investigação procuramos averiguar as conceções e necessidades de alunos do 1.ºCEB sobre sexualidade e educação sexual (ES), como ponto de partida para delinear intervenções adequadas. Construímos e validámos um questionário, que aplicámos a alunos de 3.º e 4.º anos de escolaridade de um agrupamento de escolas do concelho do Porto. Responderam 96 alunos (45 raparigas e 51 rapazes), cuja média de idades foi de 8.95 anos. Destes, 52 frequentavam o 3.º ano e 44 o 4.º ano. Os dados obtidos foram tratados e analisados com o programa SPSS. Sobre o papel que a ES pode desempenhar no desenvolvimento das crianças, a maioria dos alunos considerou que: “conhecer o corpo é importante para crescer saudável”; “conhecerno-nos a nós e aos outros ajuda a sermos mais amigos”; “nem sempre os meus amigos sabem o que é melhor para mim”; “conhecer o corpo torna-nos mais responsáveis”. As raparigas concordaram mais com esta afirmação. Verificámos que os alunos atribuem importância ao papel da escola na ES, pois, na sua maioria, consideraram que: “a escola é um local onde posso fazer perguntas sobre o corpo e o nascimento dos bebés à vontade”, “os professores sabem responder às minhas perguntas sobre o corpo e o nascimento dos bebés” e “gostava de participar em mais atividades sobre o corpo e o nascimento de bebés na escola”. Foram os alunos de 3.º ano que mais concordaram com estas afirmações. A maioria dos alunos (81%) referiu que gostaria que fossem os professores a falar sobre o corpo e o nascimento dos bebés, em detrimento dos amigos, pai e psicólogo escolar. Os alunos do 3.º ano concordaram mais com os professores como responsáveis pela ES e as raparigas concordaram menos com o pai. Estes resultados devem ser considerados na elaboração de projetos de ES, para conseguirmos intervenções eficazes junto do público-alvo.

Palavras-chave: educação sexual, ensino básico, questionário.

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

De acordo com Brooks (2010), as escolas são locais privilegiados que em muito podem contribuir para a saúde e bem-estar dos jovens, por meio de projetos de Educação para a Saúde, uma vez que é nestes estabelecimentos que os mesmos passam

a maior parte do seu tempo. Inman e colegas (2011) referem que a educação para a saúde na escola é uma oportunidade para promover a saúde e reduzir riscos. Os programas de promoção da saúde e prevenção da doença, implementados em meio escolar, são mais eficazes quando são adequados ao desenvolvimento dos alunos e quando consideram as relações destes com os colegas, com os familiares, com a escola, com a comunidade e com a sociedade em geral.

Sabendo que a educação e a escola podem funcionar como determinantes da saúde e como meios de promoção da saúde e bem-estar entre os jovens, os projetos de Educação Sexual (ES) em meio escolar podem ser uma mais-valia nesta área. Para Ingham e Hirst (2010) existem, pelo menos, duas justificações para a inclusão da ES nos currículos escolares. Uma delas diz respeito ao direito dos jovens à informação e apoio adequados que lhes permitam tomar decisões informadas no que se refere à sua saúde. Estes direitos estão consignados na Convenção dos Direitos da Criança, adotada pela Assembleia Geral nas Nações Unidas em 20 de Novembro de 1989 e ratificada por Portugal em 21 de Setembro de 1990. A outra justificação é que, segundo estas autoras, a Educação Sexual é eficaz na promoção da saúde sexual.

Em Portugal, o Ministério da Educação definiu, por Despacho do Senhor Secretário de Estado da Educação de 27 de Setembro de 2006, as áreas prioritárias de intervenção em educação para a saúde em meio escolar, nomeadamente: a) Alimentação e atividade física; b) Consumo de substâncias psicoativas; c) Sexualidade; d) Infeções sexualmente transmissíveis, designadamente VIH-SIDA; e) Violência em meio escolar.

Dentro destas áreas prioritárias, as relacionadas com sexualidade e infeções sexualmente transmissíveis adquiriram ainda mais relevância pela produção, por parte do Governo, de legislação própria que estabelece a obrigatoriedade da sua abordagem desde o 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) até ao Ensino Secundário (Lei n.º 60/2009 e Portaria 196-A/2010).

Introduzir a ES no 1.º CEB parece-nos adequado uma vez que, de acordo com Goldman e Coleman (2013), crianças com cinco ou seis anos já são capazes de perceber a diferença entre sexo e género, relacionamentos, gravidez e nascimento, privacidade,

segurança, vocabulário apropriado e muitos outros tópicos relacionados com a sexualidade.

Além disso, como refere Goldman (2010), atualmente as crianças estão a entrar mais cedo na puberdade quando comparamos com o que acontecia nas gerações anteriores. Deste modo, uma proporção considerável de crianças irá entrar na puberdade por volta dos oito ou nove anos de idade, isto é, enquanto ainda frequentam o 1.º CEB. Assim, torna-se imperativo que estas crianças tenham conhecimento e estejam preparadas psicologicamente para lidar com essas mudanças antes que elas ocorram, de modo a evitar ansiedade e minimizar riscos até que desenvolvam a maturidade psicossocial correspondente.

Assim, e de acordo com Goldman e Coleman (2013), uma educação sexual de qualidade no primeiro ciclo começa pela utilização de vocabulário adequado e explicações fisiológicas simples, sem esquecer que como referem Allen (2007; 2008) e Kirby e seus colaboradores (2006) o envolvimento dos jovens na planificação dos projetos de ES de que serão o público-alvo é essencial, para que tais projetos possam corresponder às suas reais necessidades.

De acordo com o enquadramento teórico apresentado procuramos, com esta investigação, averiguar as conceções e necessidades de alunos do 1.ºCEB (3.º e 4.º anos de escolaridade) sobre sexualidade e educação sexual, como ponto de partida para delinear intervenções adequadas.

METODOLOGIA

Para averiguar as conceções e necessidades de alunos do 1.º CEB relativamente a este tema, construímos e validámos (através de um estudo piloto) um questionário, que aplicámos a alunos de 3.º e 4.º anos de escolaridade de um agrupamento de escolas do concelho Porto. O questionário continha 24 questões: três de caracterização (idade, sexo e ano de escolaridade); cinco sobre participação em atividades de ES; quatro sobre o corpo e o nascimento; uma sobre o conceito de sexualidade; uma sobre fontes de informação sobre sexualidade; quatro sobre o papel da escola na ES; uma sobre os responsáveis pela ES; uma sobre o papel da ES no desenvolvimento das crianças; uma

sobre os temas que mais gostariam de saber; e três sobre competências psicossociais (autoestima, assertividade e resiliência).

Os dados obtidos foram tratados e analisados com o programa SPSS. Foi realizada uma análise univariada de cada uma das variáveis em estudo. Assim, para as variáveis nominais foi calculada a moda e a tabela de distribuição de frequências. Para as variáveis quantitativas foram calculadas as medidas descritivas como a média, a mediana, a variância e o desvio-padrão. O tipo de testes a aplicar foi ponderado, tendo em conta o tipo de variáveis em estudo e os objetivos da investigação. Como as respostas a determinadas variáveis eram classificadas numa escala de Likert com quatro *scores*, podiam ser alvo de tratamento quantitativo e permitir o cálculo de médias e desvios padrões (Pestana & Gajeiro, 2008). Assim, optámos por estabelecer associações entre as variáveis utilizando o teste T para comparação de médias. Quando não era possível a utilização deste teste optámos por determinar a associação entre variáveis pelo cálculo do Qui-quadrado.

RESULTADOS

Apresentamos, agora, alguns dos resultados mais relevantes, obtidos pela análise dos dados recolhidos através das questões fechadas do questionário.

Responderam ao questionário 96 alunos, dos quais 45 (46.9%) eram do sexo feminino e 51 (53.1%) eram do sexo masculino. A média de idades foi 8.95 anos (desvio padrão=0.72) e a mediana foi de 9, tendo os respondentes mais novos oito anos e os mais velhos onze. Relativamente à distribuição dos alunos por ano de escolaridade tínhamos 52 (54.2%) que frequentavam o 3.º ano e 44 (45.8%) que estavam no 4.º ano.

Houve 32 (33.3%) alunos que referiram já ter participado em atividades de ES na escola e 63 (65.6%) que responderam nunca ter participado neste tipo de atividades. Um aluno não respondeu a esta questão.

Fontes de informação sobre o corpo e o nascimento dos bebés

Para determinar quais as fontes de informação sobre o corpo e o nascimento dos bebés a que estes alunos costumam recorrer, foi-lhes apresentada uma lista com possíveis fontes de informação e solicitado que indicassem a frequência com que a elas

costumavam recorrer. As respostas dos alunos distribuíram-se de acordo com o apresentado na tabela 1. Verificou-se que os alunos recorrem mais à mãe seguindo-se os professores e recorrem menos a revistas, aos irmãos, a outros familiares, à televisão e à internet.

Tabela 1 – Distribuição das respostas à questão acerca das fontes de informação sobre sexualidade (%)

	S (1)	AV (2)	N (3)
Pai	18.5	32.6	48.9
Mãe	41.9	44.1	14.0
Avó	8.9	31.1	60.0
Avô	7.8	26.6	66.7
Irmão/ã	15.7	14.6	69.7
Tia	17.4	31.5	51.1
Tio	9.9	30.8	59.3
Primo/a	9.9	26.4	63.7
Vizinhos	4.5	11.2	84.3
Professores	25.0	39.1	35.9
Amigos	7.9	38.2	53.9
Médicos ou enfermeiros	18.5	35.9	45.7
Televisão	8.9	32.2	58.9
Internet	14.6	31.5	53.9
Livros	15.6	35.6	48.9
Revistas	6.8	26.1	67.0

Legenda: S - sempre; AV – algumas vezes; N – nunca

Constatou-se, pela análise do teste de Qui-quadrado ($X^2= 7.409$; $p<0.05$), uma relação de dependência entre a fonte de informação *mãe* com o sexo dos alunos. Foram os rapazes que mais referiram recorrer à mãe como fonte de informação. O mesmo se verificou com a fonte de informação *tia* ($X^2= 9.687$; $p<0.01$).

Início da ES em meio escolar

Perguntou-se aos alunos quando se deveria começar a falar sobre o corpo e o nascimento dos bebés. A maioria dos alunos (59.4%) considerou que se deve iniciar na escola que frequentam. Houve 22.9% de alunos que consideraram que se deve iniciar mais tarde e os restantes 17.7% responderam que se deve começar no jardim-de-infância.

Pela análise do teste do Qui-quadrado ($X^2= 17.496$; $p<0.001$), verificamos que foram os alunos do 3.º ano que mais responderam que se deve começar a falar deste tema no jardim-de-infância. Já os alunos de 4.º ano consideraram que este tema deve começar a ser falado na escola que frequentam ou mais tarde.

Não se verificaram diferenças nas respostas dos alunos de acordo com o sexo.

Papel da escola na ES

Foi solicitado aos alunos que assinalassem o seu grau de concordância com seis afirmações sobre o papel da escola na ES. As respostas distribuíram-se de acordo com o observado na tabela 2. Verificou-se que a maior parte dos alunos concordou ou concordou totalmente com as afirmações apresentadas.

Tabela 2 – Distribuição das respostas à questão sobre o papel da escola na ES (%)

	DT (1)	D (2)	C (3)	CT (4)
A escola é um local onde posso fazer perguntas sobre o corpo e o nascimento dos bebés à vontade.	10.6	14.9	30.9	43.6
Os professores sabem responder às minhas perguntas sobre o corpo e o nascimento dos bebés.	3.2	2.2	39.8	54.8
Gostava de participar em mais atividades sobre o corpo e o nascimento de bebés na escola.	11.7	17.0	36.2	35.1
Os professores devem ser os responsáveis por falar sobre o corpo e o nascimento dos bebés.	18.1	19.1	28.1	33.3
Gostava que houvesse um espacinho próprio na escola onde pudesse fazer perguntas sobre o corpo e o nascimento dos bebés.	10.8	21.5	39.8	28.0
Gostava que houvesse um espacinho próprio na escola onde pudesse utilizar materiais escolares para aprender sobre o corpo e o nascimento dos bebés.	13.8	17.0	40.4	28.7

Legenda: DT – Discordo totalmente; D – Discordo; C – Concordo; CT – Concordo totalmente

Quando cruzamos esta variável com o fator sexo dos alunos, verificamos, pela análise do teste t, uma associação estatisticamente significativa para o item “Os professores devem ser os responsáveis por falar sobre corpo e o nascimento dos bebés”, de acordo com os valores apresentados na tabela 3. Verificamos que são os rapazes que mais concordam com esta afirmação.

Tabela 3 – Teste t para o cruzamento entre *papel da escola na ES e sexo*

	Sexo	N	Média	t	p
Os professores devem ser os responsáveis por falar sobre corpo e o nascimento dos bebês.	Feminino	44	2.50	-2.423	<0.05
	Masculino	50	3.04		

Escala: 1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo; 3 – Concordo; 4 – Concordo totalmente

O cruzamento desta variável com o ano de escolaridade dos alunos também nos revelou associações estatisticamente significativas, conforme se pode observar na tabela 4. Foram os alunos do 3.º ano que mais concordaram com as afirmações apresentadas.

Tabela 4 – Teste t para o cruzamento entre *papel da escola na ES e ano de escolaridade*

	Ano	N	Média	t	p
A escola é um local onde posso fazer perguntas sobre o corpo e o nascimento dos bebês à vontade.	3.º	50	3.32	2.594	<0.05
	4.º	44	2.80		
Os professores sabem responder às minhas perguntas sobre o corpo e o nascimento dos bebês.	3.º	51	3.69	3.434	<0.01
	4.º	42	3.19		
Gostava de participar em mais atividades sobre o corpo e o nascimento de bebês na escola.	3.º	51	3.33	4.488	<0.001
	4.º	43	2.49		
Gostava que houvesse um espacinho próprio na escola onde pudesse fazer perguntas sobre o corpo e o nascimento dos bebês.	3.º	51	3.06	2.389	<0.05
	4.º	42	2.60		
Gostava que houvesse um espacinho próprio na escola onde pudesse utilizar materiais escolares para aprender sobre o corpo e o nascimento dos bebês.	3.º	51	3.14	3.304	<0.01
	4.º	43	2.49		

Escala: 1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo; 3 – Concordo; 4 – Concordo totalmente

Responsáveis pela ES

Pedimos aos alunos que assinalassem o seu grau de concordância com sete elementos que poderiam ser responsáveis por falar sobre o corpo e o nascimento dos bebês. As respostas distribuíram-se de acordo com o observado na tabela 5. Verificou-se que a maior parte dos alunos considera que o professor, seguido do médico e da mãe, devem ser os responsáveis por falar sobre o corpo e o nascimento dos bebês.

Tabela 5 – Distribuição das respostas à questão sobre os responsáveis pela ES (%)

	DT (1)	D (2)	C (3)	CT (4)
Professor/a	5.6	13.3	48.9	32.2
Psicólogo/a escolar	15.9	22.7	31.8	29.5
Médico/a ou enfermeiro/a	9.1	11.4	20.5	59.1
Pai	21.5	23.7	26.9	28.0
Mãe	12.6	14.9	34.5	37.9
Amigos	32.1	23.5	24.7	19.8

Escala: 1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo; 3 – Concordo; 4 – Concordo totalmente

De referir que o elemento “outros familiares” não foi analisado, uma vez que 62.5% dos alunos não responderam a esta questão.

Quando cruzamos esta variável com o sexo dos alunos, verificamos, pela análise do teste t, uma associação estatisticamente significativa com o elemento *pai*, de acordo com os valores apresentados na tabela 6.

Tabela 6 – Teste t para o cruzamento entre *elementos responsáveis pela ES e sexo*

	Sexo	N	Média	T	p
Pai	Feminino	44	2.27	-2.902	<0.01
	Masculino	49	2.92		

Escala: 1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo; 3 – Concordo; 4 – Concordo totalmente

As raparigas tenderam a discordar mais acerca do pai como elemento responsável pela ES.

O cruzamento desta variável com o ano de escolaridade dos alunos também nos permitiu constatar algumas relações estatisticamente significativas, de acordo com o observado na tabela 7. Os alunos do 3.º ano de escolaridade têm tendência a concordar mais com o professor, o médico ou enfermeiro e o pai como elementos responsáveis pela sua ES, quando comparados com os alunos do 4.º ano.

Tabela 7 – Teste t para o cruzamento entre *elementos responsáveis pela ES* e *ano de escolaridade*

	Ano	N	Média	t	p
Professor/a	3.º	49	3.35	3.609	<0.01
	4.º	41	2.76		
Médico/a ou enfermeiro/a	3.º	47	3.53	2.413	<0.05
	4.º	41	3.02		
Pai	3.º	50	2.92	2.989	<0.01
	4.º	43	2.26		

Escala: 1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo; 3 – Concordo; 4 – Concordo totalmente

Papel da ES no desenvolvimento das crianças

Sobre o papel da ES no desenvolvimento das crianças, pedimos aos alunos que assinalassem o seu grau de concordância com oito afirmações sobre o tema. As respostas distribuíram-se de acordo com o observado na tabela 8. Verificou-se que a maior parte dos alunos concordou ou concordou totalmente com as afirmações apresentadas.

Tabela 8 – Distribuição das respostas à questão sobre o *papel da ES no desenvolvimento das crianças*, em percentagem (%)

	DT (1)	D (2)	C (3)	CT (4)
Conhecer o corpo é importante para crescer com saúde.	4.2	2.1	22.9	70.8
Devemos respeitar todas as pessoas.	6.3	6.3	9.4	78.1
Nem sempre os meus amigos sabem o que é melhor para mim.	4.2	6.3	51.0	38.5
O modo como nos sentimos vai mudando ao longo da vida.	6.3	8.4	24.2	61.1
Conhecer o corpo torna-nos mais responsáveis.	5.2	7.3	26.0	61.5
Conhecermos-nos a nós e aos outros ajuda a sermos mais amigos.	4.2	5.2	30.2	60.4
Rapazes e raparigas devem ser tratados do mesmo modo.	10.6	12.8	14.9	61.7
Conhecer os outros e a nós ajuda a diminuir a violência entre rapazes e raparigas.	11.6	7.4	30.5	50.5

Escala: 1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo; 3 – Concordo; 4 – Concordo totalmente

O cruzamento destas afirmações com a variável sexo revelou diferenças estatisticamente significativas entre o item “Conhecer o corpo torna-nos mais responsáveis” e o sexo a que os alunos pertencem, quando calculado o teste t, de acordo com o observado na tabela 9. Verificou-se serem as raparigas que mais concordaram com esta afirmação.

Tabela 9 – Teste t para o cruzamento entre *papel da ES* e *sexo*

	Sexo	N	Média	T	P
Conhecer o corpo torna-nos mais responsáveis	Feminino	45	3.64	2.364	<0.05
	Masculino	51	3.25		

Escala: 1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo; 3 – Concordo; 4 – Concordo totalmente

Quando cruzamos estas afirmações com o ano de escolaridade dos alunos e calculamos o teste t, também verificamos uma diferença estatisticamente significativa nas respostas dos alunos ao item “Rapazes e raparigas devem ser tratados do mesmo modo”, tal como se pode confirmar pela tabela 10. Foram os alunos do 3.º ano de escolaridade que mais concordaram com esta afirmação.

Tabela 10 – Teste t para o cruzamento entre *papel da ES* e *ano de escolaridade*

	Ano	N	Média	t	P
Rapazes e raparigas devem ser tratados do mesmo modo	3.º	50	3.52	2.457	<0.05
	4.º	44	3.00		

Escala: 1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo; 3 – Concordo; 4 – Concordo totalmente

Temas sobre os quais mais gostariam de saber

Questionámos os alunos acerca dos temas sobre os quais mais gostariam de saber, apresentando-lhes uma lista de nove temas e pedindo-lhes que assinalassem o seu grau de concordância com cada um dos itens. As respostas dos alunos distribuíram-se de acordo com o que se apresenta na tabela 11.

Verificamos que os alunos concordaram ou concordaram totalmente que gostariam de saber mais sobre todos os temas apresentados, exceto sobre o tema “maus tratos”.

Tabela 11 – Distribuição das respostas à questão sobre os *temas que mais gostariam de saber* (%)

	DT (1)	D (2)	C (3)	CT (4)
O que é uma família	10.5	4.2	23.2	62.1
Os tipos de famílias	9.4	7.3	36.5	46.9
Amizade, amor e relações amorosas	7.5	3.2	28.0	61.3
O corpo	3.2	7.4	41.1	48.4
Maus tratos	33.7	16.8	20.0	29.5
Relações entre amigos e colegas	8.5	2.1	40.4	48.9
Diferenças corporais entre rapazes e raparigas	8.6	8.6	29.0	53.8
Formação, desenvolvimento e nascimento dos bebés	6.6	8.8	31.9	52.7
Onde e como procurar ajuda em caso de ter dúvidas sobre o corpo e o nascimento dos bebés	9.0	6.7	33.7	50.6

Escala: 1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo; 3 – Concordo; 4 – Concordo totalmente

Quando cruzamos esta variável com o sexo dos alunos, verificamos, pela análise do teste t, uma associação estatisticamente significativa para os itens “O que é uma família”, “Amizade, amor e relações amorosas” e “O corpo”, “Formação, desenvolvimento e nascimento dos bebés” e o sexo dos alunos, como se pode observar na tabela 12. Os rapazes tenderam a concordar mais do que as raparigas com os itens apresentados.

Tabela 12 – Teste t para o cruzamento entre *temas sobre os quais mais gostaria de saber e sexo*

	Sexo	N	Média	T	P
O que é uma família	Feminino	44	3.02	-3.261	<0.01
	Masculino	51	3.67		
Amizade, amor e relações amorosas	Feminino	43	3.21	-2.222	<0.05
	Masculino	50	3.62		
O corpo	Feminino	44	3.16	-2.310	<0.05
	Masculino	51	3.51		
Formação, desenvolvimento e nascimento dos bebés	Feminino	43	3.07	-2.419	<0.05
	Masculino	48	3.52		

Escala: 1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo; 3 – Concordo; 4 – Concordo totalmente

Também encontramos algumas diferenças estatisticamente significativas, mediante a análise do teste t, nas respostas dos alunos consoante o ano de escolaridade que frequentavam, conforme consta na tabela 13. Verificamos que os alunos do 3.º ano

de escolaridade têm mais tendência do que os do 4.º para concordar com estes temas como aqueles sobre os quais mais gostariam de saber.

Tabela 13 – Teste t para o cruzamento entre *temas sobre os quais mais gostaria de saber e ano de escolaridade*

	Ano	N	Média	t	P
Os tipos de famílias	3.º	52	3.48	3.240	<0.01
	4.º	44	2.89		
Amizade, amor e relações amorosas	3.º	50	3.64	2.494	<0.05
	4.º	43	3.19		
O corpo	3.º	51	3.59	3.550	<0.01
	4.º	44	3.07		
Relações entre amigos e colegas	3.º	51	3.51	2.629	<0.05
	4.º	43	3.05		
Diferenças corporais entre rapazes e raparigas	3.º	51	3.61	3.829	<0.001
	4.º	42	2.88		
Formação, desenvolvimento e nascimento dos bebés	3.º	48	3.56	3.010	<0.01
	4.º	43	3.02		
Onde e como procurar ajuda em caso de ter dúvidas sobre o corpo e o nascimento dos bebés	3.º	50	3.60	3.960	<0.001
	4.º	39	2.82		

Escala: 1 – Discordo totalmente; 2 – Discordo; 3 – Concordo; 4 – Concordo totalmente

DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Neste trabalho, verificámos que a maioria da amostra referiu não ter participado em atividades de Educação Sexual na escola, apesar de diversos temas relacionados com a sexualidade fazerem parte do programa da área curricular de Estudo do Meio desde o 1.º ano de escolaridade. Assim, parece-nos que, tal como refere Goldman (2008), muitos professores do 1.º CEB não implementam uma educação eficaz sobre puberdade e sexualidade.

Relativamente às fontes de informação sobre o corpo e o nascimento dos bebés a que estes alunos costumam recorrer verificamos que a mãe e os professores são os preferidos. Também Bleakley e colegas (2009), num estudo realizado com alunos mais velhos (14-16 anos), concluíram que duas das principais fontes de informação sobre sexualidade são a mãe e os professores. Além disso, verificaram que, tal como para a nossa amostra, os jovens preferem mais as mães do que os pais como fontes de informação.

Sendo os professores uma das principais fontes de informação para estes alunos, acreditamos, tal como Goldman (2011), que estes profissionais são os mais bem posicionados para realizar atividades de ES, uma vez que estão desde cedo e constantemente presentes na vida das crianças.

Também quando perguntámos aos alunos quem deveria ser responsável por falar sobre o corpo e o nascimento dos bebés, o professor foi o elemento preferido. De seguida surgiu o médico. Para Goldman (2011), vários fatores impedem os professores de abordar ES com os alunos e, no seu entender, é ainda pior o facto de muitas escolas nem sequer convidarem elementos externos para o fazer. No entanto, quando são chamados às escolas estes elementos não são conhecidos das crianças, o que aumenta os desafios associados às suas funções.

Parece-nos que os alunos da nossa amostra acreditam que a escola tem um papel essencial na ES. Verificamos que os rapazes e os alunos mais novos revelam mais confiança no papel da escola relativamente a este tema, uma vez que concordaram mais com algumas das afirmações apresentadas. Byers e colegas (2013), num estudo realizado para avaliar os fatores associados à perceção dos alunos sobre a qualidade da ES que recebiam na escola, também verificaram que os rapazes, os alunos em anos de escolaridade mais baixos e com menos experiência sexual avaliavam a qualidade da ES que recebiam na escola de modo mais positivo.

Verificamos, também, que os alunos da nossa amostra atribuem grande importância ao papel da ES no desenvolvimento das crianças, visto que, na sua maioria, concordaram ou concordaram totalmente com as frases apresentadas sobre este tema. Foram encontradas algumas diferenças de género nas respostas dos alunos, uma vez que as raparigas tenderam a concordar mais com as afirmações apresentadas, verificando-se mesmo uma diferença estatisticamente significativa em relação ao item “Conhecer o corpo torna-nos mais responsáveis”.

Sobre os temas acerca dos quais os alunos da nossa amostra mais gostariam de saber, “Maus tratos” surgiu como aquele com que menos concordaram. Os temas com que mais concordaram foram “Relações entre amigos e colegas” e “O corpo”. Estes resultados parecem estar de acordo com as observações de Goldman (2011) quando refere que todas as crianças querem saber mais sobre o seu corpo e, como tal, rapazes

e raparigas precisam de ser preparados para a puberdade. Assim, evitar a ES na escola é inapropriado e desvantajoso para os alunos.

Relativamente a este aspeto também encontramos algumas diferenças de género entre os alunos da nossa amostra. Foram os rapazes que mais concordaram querer saber mais sobre os temas apresentados, encontrando-se diferenças estatisticamente significativas para os itens “O que é uma família”, “Amizade, amor e relações amorosas”, “O corpo” e “Formação, desenvolvimento e nascimento dos bebés”.

Foram também os alunos do 3.º ano de escolaridade que mais concordaram querer saber mais sobre os temas apresentados encontrando-se diferenças estatisticamente significativas para os itens “Tipos de famílias”, “Amizade, amor e relações amorosas”, “O corpo”, “Relações entre amigos e colegas”, “Diferenças corporais entre rapazes e raparigas”, “Formação, desenvolvimento e nascimento dos bebés” e “Onde e como procurar ajuda em caso de ter dúvidas sobre o corpo e o nascimento dos bebés”.

Estas preferências dos alunos devem ser consideradas uma vez que, de acordo com o trabalho de Byers e colegas (2013), as atividades de ES que abordam tópicos em que os alunos estão mais interessados são percecionados como tendo mais qualidade.

CONCLUSÕES

Apesar dos alunos que frequentam o 1.º CEB não terem idade para ser sexualmente ativos, é importante perceber o seu grau de compreensão sobre sexualidade, uma vez que, provavelmente, entrarão na puberdade até ao fim deste ciclo de escolaridade (Utomo e colegas, 2014).

Além disso, e como refere Goldman (2010), a ES para crianças e adolescentes é uma componente crucial da qualidade dos sistemas de educação contemporâneos, uma vez que deve procurar preparar os jovens para uma cidadania responsável, saudável e produtiva.

Com este trabalho pretendemos averiguar as necessidades e conceções de alunos do 1.º CEB sobre sexualidade e educação sexual para, a partir delas, elaborar um programa de intervenção que vá ao encontro das suas necessidades. Só assim, e de

acordo com vários autores (Allen, 2008; Kirby et al, 2006; Mason, 2010), será possível delinear intervenções eficazes.

Os resultados deste estudo revelaram algumas diferenças de gênero, nomeadamente no que se refere ao papel da escola na ES, ao papel da ES no desenvolvimento das crianças e aos temas sobre os quais mais gostariam de saber. Assim, compreender as concepções e necessidades das crianças, tendo em conta as diferenças de gênero, pode contribuir para o desenvolvimento de projetos de ES mais eficazes, que poderão promover a literacia sexual. De acordo com Shtarkshall e colegas (2007) esta pode contribuir para o desenvolvimento psicossocial e o bem-estar ao longo da adolescência e idade adulta.

Também encontrámos várias diferenças nas respostas dos alunos de acordo com o seu ano de escolaridade. Pensamos que desenvolver projetos de ES adequados ao grau de desenvolvimento psicossocial dos alunos também contribuirá para a sua maior eficácia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Allen, L. (2007). Denying the sexual subject: schools' regulation of student sexuality. *British Educational Research Journal*, 33 (2): 221-234.
- Allen, L. (2008). "They Think You Shouldn't be Having Sex Anyway": Young People's Suggestions for Improving Sexuality Education Content. *Sexualities*, 11(5): 573–594.
- Bleakley, A., Hennessy, M., Fishbein, M., Coles, H., and Jordan, A. (2009). "How Sources of Sexual Information Relate to Adolescents' Beliefs about Sex." *American Journal of Health Behavior*, 33(1): 37–48.
- Brooks, F. (2010). The health of children and young people, pp. 8-23, *In* Aggleton, P., Dennison, C. e Warwick, I. (eds.), *Promoting health and well-being through schools*, Routledge: Abingdon.

- Byers, E., Sears, H. e Foster, L. (2013). Factors associated with middle school students' perceptions of the quality of school-based sexual health education, *Sex Education: Sexuality, Society and Learning*, 13(2), 214-227.
- Goldman, J. (2008). Responding to parental objections to school sexuality education: A selection of 12 objections. *Sex Education*, 8(4): 415–38.
- Goldman, J. (2010). The new sexuality education curriculum for Queensland primary schools. *Sex Education*, 10 (1): 47 – 66.
- Goldman, J. (2011). External providers' sexuality education teaching and pedagogies for primary school students in Grade 1 to Grade 7, *Sex Education: Sexuality, Society and Learning*, 11(02), 155-174.
- Goldman, J. e Coleman, S. (2013) Primary school puberty/sexuality education: student-teachers' past learning, present professional education, and intention to teach these subjects, *Sex Education: Sexuality, Society and Learning*, 13:3, 276-290.
- Ingham, R. and Hirst, J. (2010). Promoting sexual health, 99-118, in Aggleton, P., Dennison, C. e Warwick, I. (eds.), *Promoting health and well-being through schools*, Routledge: Abingdon.
- Inman, D., Bakergem, K., LaRosa, A., Garr, D. (2011). Evidence-Based Health Promotion Programs for Schools and Communities. *American Journal of Preventive Medicine*, 40(2), pp. 207–219.
- Kirby, D., Laris, B., and Rolleri, L. (2006). *Sex and HIV Education. Programs for Youth: Their Impact and Important Characteristics*. Family Health International, Scotts Valley.
- Mason, S. (2010). Braving it out! An illuminative evaluation of the provision of sex and relationship education in two primary schools in England. *Sex Education*, 10 (2): 157–169.
- Shtarkshall, R., Santelli, J., and Hirsch, J. (2007). “Sex Education and Sexual Socialization: Roles for Educators and Parents”. *Perspectives on Sexual and Reproductive Health*, 39 (2): 116-119.

Utomo, I., McDonald, P., Reimondos, A., Utomo, A, e Hull, T. (2014). Do primary students understand how pregnancy can occur? A comparison of students in Jakarta, West Java, West Nusa Tenggara and South Sulawesi, Indonesia, *Sex Education: Sexuality, Society and Learning*, 14(1), 95-109.